

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numero 1\$500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 30 DE JULHO DE 1882 — N.º 23 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa de Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$000 réis; semestre ou 26 numero 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS:—A serpente que devora a sua raça. Occasião opportuna. A mãe adoptiva. O interrogatorio (gravura do romance).
TEXTOS:—Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras. Historia da Terra. Rosicler, por J. I. de Araujo e Victor Narceu. Antighalhas, por Maximiliano de Azevedo. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

Quando cheguei a Lisboa depois d'uma ausencia de semanas, encontrei em minha casa, a esperarem-me sobre a minha banca, duas encantadoras visitas, dois livros deliciosos, dois bijoux typographiques, que são ao mesmo tempo duas perolas litterarias as *Mocidades* de Fernando Caldeira, e os *Sonetos* de Sousa Monteiro.

Eu vinha cansado de nove longas horas de cami-

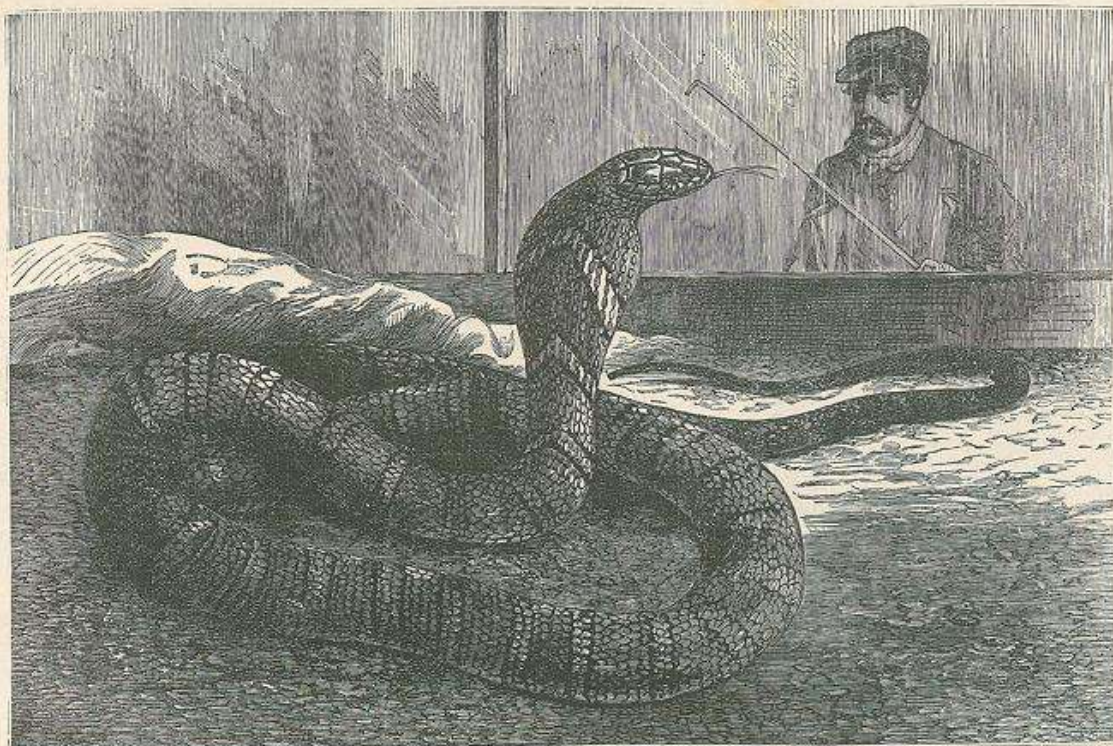
riamente a sua lingua d'ouro e agora recentemente em menos de tres mezes tem dado á litteratura portugueza tres livros notabilissimos, primeiro os *Nocturnos* de Gonçalves Crespo e hoje os dois deliciosos volumes que tenho defronte de mim.

Outra circumstancia notavel é a belleza primorosa das edições d'essas preciosas poesias. Portugal nunca viu nada de melhor; Lisboa desforra-se brilhantemente do Porto n'essas obras primas typographicas, a imprensa nacional com os *Nocturnos* e as *Mocidades*, e a typographia dos srs. Castros e Irmãos

Dizem que poetas só por poetas devem ser lidos, e eu não tenho na minha consciencia nem no meu passado, a mais pequenina quadra.

Esta falta absoluta de estro, se me dá a tranquillidade completa d'alma, já me tirou um bom par de charutos. Uma vez poz-me n'uns apuros reaes; uns apuros de que me tirou um grande poeta que tem por este adjectivo o mais notorio rancor.

Foi no theatro do Gymnasio. Xavier d'Almeida,



A SERPENTE QUE DEVORA A SUA RAÇA

nho de ferro, vinha cheio de poeira, immundo e somnolento, mas os dois nomes e as duas formosas edições tentavam-me tanto que me puz logo a folhear os antes de tomar o banho, esse banho que em Portugal em vez de ser um logar commum da vida é um logar commum da litteratura.

O movimento poetico d'estes ultimos tempos é realmente notavel em Portugal. O romance calou-se ha annos, mas a poesia tem tagarellado extraordina-

com os *Sonetos*, vingaram triumphantemente a fiama typographica de Lisboa ha tanto tempo amachucada sob as bellas edições portuenses.

Intimidado logo ao sair do comboio a escrever as actualidades de Lisboa, eu que me tinha esquecido completamente d'ella nas deliciosas mattas do Bom Jesus, não tenho outras actualidades senão esses dois formosos livros que vim encontrar sobre a minha banca; vamos portanto a elles.

um excellente rapaz de suissas e alma louras, que então era empresario e que hoje dorme o grande sonno no cemiterio dos Prazeres, pedira-me para eu lhe imitar com urgencia uma comedia hespanhola em verso, *El rizo de Dona Martha*.

A comedia era detestavel; mais por obsequio para elle do que por negocio para mim, arranjei-lh'a n'uma noite, em prosa, comprehende-se. A comedia provou-se logo, teve meia duzia de ensaios, e subiu

a scena. O ensaio geral foi na manhã da recita. Jesuina a que fazia na peça o papel principal, em que tinha quatro tipos diferentes, pediu-me um *couplet* para fechar a comedia.

—Um *couplet*! disse eu aterrado, não pode ser, menina; onde hei-de eu agora arranjar quem me faça um *couplet*.

—Ora essa! Faça-o ahi. Uma quadra basta.

Eu senti-me profundamente humilhado, toda a gente me julgava susceptível de uma quadra, e eu vasculhando todo o meu cerebro não encontrava duas rimas.

Não quiz confessar a minha incapacidade: tive vergonha, e disse com um grande sangue frio:

—Pois sim, está dito: eu não faço agora o *couplet* porque estou com pressa, tenho onde ir, mas logo á tarde lh'o mando a sua casa.

E sahi todo agoniado, á procura d'um poeta, que me promettesse fazer honra á minha palavra.

No Chiado encontrei o Gomes Leal. Agarrei-o por um braço e metti-o no Baltresqui.

—Papel e penna! pedia eu como quem pede uma sandwich.

Serviram-me logo.

—Mas o que é? perguntava Gomes Leal, olhando-me assustado.

—Faz-me já ahi um *couplet* final.

—Hein?

—Um *couplet* final para uma comedia n'um acto.

—Estás doido?

—Uma quadra, uma coisa qualquer.

—Mas o que é a comedia?

—Não tens nada com isso, seja lá o que fôr: faz-me uma quadra.

—Mas...

—Uma quadra, repeti eu inexoravel.

Elle submetteu-se e escreveu logo ali, a correr, uma quadra, outra, outra... e se eu não intervisse e o Baltresqui tivesse mais papel, teria feito um poema.

—Basta, basta, gritei já aturdido, como se grita no circo a um acrobata, que faz um trabalho difficil.

—Ouve lá.

—Não quero ouvir, elles que oíçam e mette o papel na algibeira.

—E os direitos d'auctor? perguntou-me elle rindo.

—Tres charutos por noite.

—Hum! Chegará a uma caixa?

—Se chegar á meia duzia, dou-te por feliz.

E mandei o *couplet* á Jesuina.

A' noite fui ao Gymnasio. Quando a comedia principiou eu ia a sair.

—Espera ahi! espera pela comedia — disse-me o Xavier d'Almeida.

—Que espere pela peça? Para o publico vir por ahi dentro bater-me se souber que fui eu que lh'a preguei?

N'isto ouvi rir muito na platea.

—Olha, elles riem.

—E' verdade, disse eu espantado.

E fiquei.

Havia uma scena em que a Jesuina, de capote e lenço, jogava o socco em scena com a velha Joanna Carlota.

Era n'essa scena que eu contava que os bancos da platea comessem a vir mobilar o palco.

Quando a situação se approximava eu approximei-me da porta.

De repente ouço palmas, bravos, gargalhadas, uma ovação.

A peça tinha um verdadeiro successo.

—O Gomes Leal apanha a caixa, pensei eu com os meus botões.

E o *Crescente da Visinha* representou-se n'esse anno cincoenta noites quasi á fio, e eu tive que dar a Gomes Leal cento e cincoenta charutos.

Cento e cincoenta charutos, aqui teem o que me custou a mim a minha falta absoluta de estro poetico!

E não ficou por aqui o prejuizo. Hoje por exemplo, o não ser poeta, se não me privou do prazer de ler os cem admiraveis sonetos de Sousa Monteiro, e as esplendidas poesias de Fernando Caldeira, privame de poder fallar d'elles e d'ellas com o ar superior de quem entende da poda.

—Que demonio! diziam todos, poetas só por poetas... e eu podia dizer bocadinhos d'ouro acerca das *Mocidades* e dos *Sonetos*, que toda a gente acolheria esses bocadinhos com sorrisos desdenhosos e encolher de hombros aniquilador.

E aqui nem me é dado resgatar a minha falta de capacidade poetica a charutos, e para não acabar o artigo quasi antes de o principiar, tenho de deixar em paz os versos e de fallar só dos seus auctores.

Esses conheço-os, felizmente para mim, e ha que annos.

Sousa Monteiro foi meu condiscipulo no curso superior de letras e serviu-me de muito na philosophia transcendente.

Tratava-se da philosophia hegeliana, e n'esse tempo não havia nas livrarias de Lisboa nenhum exemplar da philosophia do Espirito do Hegel, e só a bibliotheca tinha um exemplar unico da traducção commentada da Vera.

Cumprindo os nossos deveres de bons estudantes, o visconde do Portocarrero e eu, iamos todos os dias á bibliotheca para estudar o Hegel.

—Está em leitura, diziam-nos todos os dias os continuos.

E nós iamos comer beefs a Belem, do que no fim de contas se tira muito mais proveito do que da philosophia hegeliana: e mais vejamos:—O Souza Monteiro é muito mais sabio do que eu, mas eu sou muito mais gordo do que elle. Para alguma coisa me havia de servir o curso superior de letras!

N'esse tempo já o Souza Monteiro era muito mais sabio. Aquillo penso que lhe veio de nascença. Era um rapazito ainda quasi imberbe, e fazia já sonetos em latim, n'essa lingua em que eu nunca cheguei sequer a saber ajudar á missa.

E grego? isso elle e o conselheiro Viale entendiam-se tão bem que ninguem mais os entendia.

Eu olhava-o espantado e a unica coisa que me consolava da minha profunda ignorancia nas linguas mortas era o Nunes, um celebre Nunes de cabeça grande, e que entrava por essas linguas como eu entro pelas de vacca.

Esse Nunes,—nunca mais soube o que era feito d'elle,—era o meu pesadello e do Portocarrero, que nunca foi mais grego do que eu.

Quando nós liamos o *Dialogo dos Mortos* no original, e curavamos o pobre Luciano das mais extraordinarias syllabadas, o conselheiro Viale, na casa da cella da Bibliotheca que servia d'aula, dizia-nos:

—Basta, basta, sr. Nunes tem a bondade de ler para estes senhores verem como se lê grego.

E o sr. Nunes lia, lia, lia, com tão rara facilidade, que dentro de cinco minutos, nós estavamos a dormir a somno solto.

Isto repetia se todos os dias, e o tal sr. Nunes já nos *agasait* terrivelmente, e sentiamo-nos humilhados em estar todos os dias a levar bigodes d'um homem que tinha aquella cara phenomenal.

Uma manhã porém, tivemos uma grande consolação.

Entrámos na bibliotheca, e vimos o sr. Nunes muito atarefado, com duas enormes estantes defronte de si, sobre as estantes dois grandes volumes, que elle folheava, ora um, ora outro, como quem toca tymbales.

O sr. Nunes, preparou a lição para a aula de litteratura classica, que era um estudo comparado das epopéas gregas e latinas; e o sr. Nunes, lia um verso de Homero e um verso de Virgilio, um verso de Homero, um verso de Virgilio, e era assim que fazia o estudo comparado das epopéas latinas e gregas!

Estavamos vingados, e d'ali em diante nunca mais nos sentimos humilhados quando o Nunes lia o *Dialogo dos Mortos*.

Ha que tempos que tudo isto foi! já lá vão perto de quatorze annos, e muito tempo afastado de Souza Monteiro, encontrei-o ha pouco tempo a fazer versos dos mais delicados e correctos que se tem escripto em portuguez e a tomar de repente o seu lugar entre os primeiros poetas contemporaneos e nós só temos que dar parabens á litteratura portugueza por elle com o seu grande talento se deixar de fazer sonetos em latim para os fazer em portuguez. A litteratura latina é rica, e a nossa precisa bem de talentos brilhantes e de poetas notaveis como é Souza Monteiro.

Estou no fim da chronica e tenho ainda defronte de mim Fernando Caldeira, com as suas *mocidades*, o seu talento peregrino, as suas barbas louras, e o seu azeite verde!

Que immensidade de poemas!

Seria mais facil metter o Rocio na Bitesga e o sr. conselheiro Nazareth n'uma friza da rua dos Condes do que metter este bello rapaz e este bello poeta e este bello assumpto, nas poucas linhas que me restam.

Fica tudo, Fernando Caldeira, poemas e azeite, para a minha proxima chronica, porque haja as actualidades que houver nenhuma será mais sympathica do que esta aos meus leitores e á minha penna.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A serpente que devora a sua raça

E' sabido que algumas serpentes, cujo corpo attinge grandes proporções, gozam da faculdade de engulir animaes inteiros de volume consideravelmente supe-

rior ao seu, taes como gazellas, cães, veados e até bois. Não pareça isto exaggeração. Ninguém o ignora nas regiões habitadas por esses reptis, e o facto é affirmado por Bory de Saint Vincent.

Nos animais d'esta ordem a deglutição executa-se com o auxilio de um mecanismo particular.

Para apanharem a preza, collocam-se por via de regra em cima de arvores nos logares, em que a victima costuma a beber, e cobrindo-a desprevenida, lançam-se sobre ella, suffocam-na enroscando-se-lhe no corpo, quebram-lhe os ossos por um movimento de torsão, e engolem-na a custo depois de a terem untado com uma especie de saliva para facilitar a deglutição. Esta faz-se em consequencia da grande extensão do canal digestivo, e da maneira como se acham articuladas as maxillas, cujos ligamentos frouxos e elasticos permitem que a bocca, profundamente rasgada, se abra de um modo prodigioso.

A victima é pois engulida sem ser dilacerada, fica inteira dentro do reptil, que durante todo o tempo que dura esta laboriosa digestão conserva-se immovel, cabindo em grande torpor.

Pareceu-nos necessario entrar n'estas pequenas minuciosidades antes de fallar do *Ophiophago* serpente que a nossa gravura representa, e que é sem duvida uma das maiores, mais venenosas e mais aggressivas da India. Chega a ter doze a dezesseis pés de comprimento, e vive nas florestas ou nos terrenos de hervas muito altas.

Ainda que, á semilhança dos reptis de que já fallámos, seja capaz de engulir animais desenvolvidos e muito corpulentos, o *Ophiophago* tem uma predilecção particular pela carne das outras serpentes, que engole começando pela cabeça.

O exemplar que existe no Jardim Zoologico de Londres, tem sete pés de comprimento e é de uma ferocidade incalculavel: á mais pequena provocação empina o pescoço, ergue-se quanto pôde, deita a lingua de fora, chispa fogo dos olhos, emite um silvo agudo, bamboleia-se da direita para a esquerda, e arremessa-se sobre quem lhe excita a colera com tanto desespero, que faz recuar o mais audacioso apezar dos vidros, que o preservam.

O terrivel animal é refractario a todas as tentativas dos domesticadores de serpentes. Nenhum ousa cultivar-lhe o talento, aproveitar-lhe as gracinhas para divertir o publico.

É um specimen rarissimo, que chegou a Inglaterra por acaso.

De Madrastra foi expedida para um naturalista uma caixa contendo cobras. Chegado o navio, e aberta a encomenda, apenas se encontraram dois ou tres reptis, um dos quaes é o que hoje apresentamos aos leitores, e que durante a viagem tinha-se regalado de bons petiscos devorando os companheiros.

Ocasão oportuna

Paulo e Joaquim trabalham juntos na reles officina do mestre Simão, sapateiro da aldeia. Nunca foram lá muito amigos, e hontem saíram do trabalho em grande altercação por causa de umas meias solas que não ficaram promptas. Paulo, que tem o genio irascivel, pregou uma valente bofetada no Joaquim: este deu logo troco, e soco para a direita, soco para a esquerda, encontraram-se os dois contendores á porta de suas casas, que são muito visinhas. Uma ultima bofetada, uma derradeira ameaça foram as despedidas que trocaram os dois futuros mestres.

No dia seguinte, muito cedo, Paulo ouve ranger a porta do inimigo.

— Grande cobarde! exclama elle; tem medo que se pella; mas não as perde... eu lhe darei quatro bofetadas para a ceia, se não as apanhar para o almoço.

Dizendo isto, pula como um raio da cama para fora, come á pressa uma bucha de broa; pega n'um par de botas que estão n'um canto, e devem ser entregues a um trabalhador, e põe-se a caminho.

Mal chega á rua, dá de cara com o antagonista que tinha ido fazer umas compras, e voltava com ellas. Paulo sem mais tir-te nem guar-te, lança-se ao Joaquim, deita-lhe as mãos aos cabellos, e dispõe-se para soval-o bem sovado com as enormes faluas, que tem de levar ao freguez. Mas estes meios não são ainda bastantes para saciar-lhe a colera; de-sata aos pontapés, e no auge do furor salta-lhe um dos sapatos, que vai parar bem longe.

O pobre Joaquim, atacado assim sem esperar, não tem tempo de pôr as compras no chão; está completamente impossibilitado de defender-se, com os movimentos paralyzados, e berra como um possesso. Os nabos, que trazia no avental, espalharam-se todos, cahe-lhe o bonnet enchendo-se de lama, e o leite derrama-se por terra.

Paulo reconhecendo a posição embaraçada da victima, abusa cada vez mais da sua inquestionavel vantagem. Quando e como terminará esta luta barbara?

Nutrimos a esperanza de que uma intervenção caridosa venha livrar o desgraçado Joaquim, e punir severamente o outro desleal aprendiz de sapateiro que—á semilhança dos grandes potentados—esperou a occasião em que o adversario não podia deffender-se para declarar-lhe guerra, e accommettel-o de improviso.

Mãe adoptiva

Não! quem olhar para o rosto suave e puro d'esta menina, quem attentar na caridosa meiguice que se lhe debuxa no semblante, percebe logo que não tem deante de si uma desaninhadora de passaros.

Pelo contrario; são cheias de ternura e de encanto as circumstancias, que nos permitiram vel-a dar de comer ás avesinhas, que ainda não podem prover á sua sustentação.

A gentil menina, andando a colher flores, descobriu um ninho no meio de uns arbustos. Dentro do ninho só havia ovos.

Dias depois, tornando a passar pelo mesmo sitio, e movida pela curiosidade olhou... Triste espectáculo! A mãe estava morta, em cima dos filhos, apenas sahidos da casca!

O que fez a formosa rapariga? o mesmo que fariam vossas excellencias todas, minhas queridas leitoras; prometeu a si mesma encarregar-se dos orphãos, servir-lhes de mãe, e levou-os patra o seu quarto.

Comprehendem agora a poesia da nossa gravura?

Quando os pobres animaesinhos já não heouverem mister dos seus cuidados, Maria com certeza não prenderá no captivo d'uma gaiola os innocentes, que arrancou á morte; ha de dar-lhes liberdade. E quem sabe? Pode ser que elles a fiquem conhecendo, e que, quando a virem passear no jardim, em que nasceram, venham esvoaçar em torno d'ella e saudal-a com um canto alegre de reconhecimento.

HISTORIA DA TERRA

(Continuado do numero antecedente)

Esta crusta contrahindo-se pelo arrefecimento mais rapido á superficie do que no interior da terra, vai exercendo uma pressão crescente sobre o nucleo fluido. D'ahi á formação de fendas, por onde a massa fundida sae, espalhando-se á superficie, e dando lugar ás primeiras montanhas, caracterizadas pelas suas formas maravilhosas e tuberculosas.

As substancias que assim rompem nos primeiros tempos a crusta terrestre e formam as primeiras montanhas são as que constituem as *rochas eruptivas*.

Poderemos pois dizer que na 2.ª phase da sua vida a terra se nos apresenta formada d'um nucleo fluido, e d'uma delgada crusta solida, de superficie accidentada pelas montanhas tuberculiformes cuja origem acabamos de explicar.

Com o progressivo abaixamento de temperatura o vapor d'agua começa a condensar-se e a cabir sobre a superficie desigual da crusta terrestre, formando os primeiros mares, os primeiros lagos e os primeiros rios.

Ao mesmo tempo as condições de temperatura começam a ser compatíveis com a vida animal e vegetal.

No seu movimento o liquido aquoso desagregua as substancias solidas sobre que passa, e arrasta-as até o fundo dos lagos e dos mares, onde as deposita em camadas cuja espessura vai progressivamente e rapidamente crescendo.

A esta acção das aguas é que os geologos chamam *Sedimentação*; a qual tem lugar ainda nos nossos dias; e continuará enquanto sobre o nosso globo houver agua em movimento.

Assim foram-se depondo no fundo das depressões esses leitos de rochas desagregadas, como as areias e as argilas, que, em virtude d'este seu modo de formação, tem o nome de *rochas sedimentares*.

Aqui tem, pois, a origem dos dois principaes grupos de terrenos, que compõem a crusta da terra; os eruptivos e os sedimentares.

Os phenomenos modernos dão-nos idéa do seu modo de formação. Assim para os primeiros podemos recorrer aos vulcões; e para os segundos ao exame do modo porque as areias se movem e se depositam no fundo dos rios e de alguns lagos.

É necessario não ter idéas falsas sobre estes principios elementares.

Referi-me aos vulcões como um exemplo moderno da formação de rochas eruptivas. Não se deve no entanto confundir em todos os pontos as acções vulcanicas com as que produziram as primeiras rochas eruptivas.

Essas acções não são inteiramente identicas; e os seus resultados tambem differem notavelmente. Mas o que podemos é apresentar os vulcões como causa das erupções modernas; e as respectivas rochas como distinctamente diversas das que são devidas á sedimentação.

Essas enormes camadas de areias e de argila accumuladas no fundo dos mares em consequencia da grande pressão e temperatura a que se achavam sujeitas, começaram a tornar-se compactas pela cohesão dos seus elementos mais ou menos granulares, e a mudar completamente de caracteres physicos. Assim as areias aglutinadas produziam os chamados grés, mesmo as quartzites; as argilas deram os schists. A sciencia denomina-as *rochas metamorphicas* por terem sido de origem sedimentar, e se apresentarem em consequencia da acção do calor e da pressão com o aspecto semelhante ao das rochas eruptivas.

Em quanto a erosão ia produzindo continuamente os depositos sedimentares, na crusta da terra abriam-se periodicamente fendas semelhantes ás primeiras, e as montanhas tuberculiformes iam continuando a accidentar a superficie do nosso globo.

A uma erupção, seguia-se um certo intervalo de repouso, durante o qual a crusta da terra augmentava de espessura; e por isso de resistencia. Mas como con-

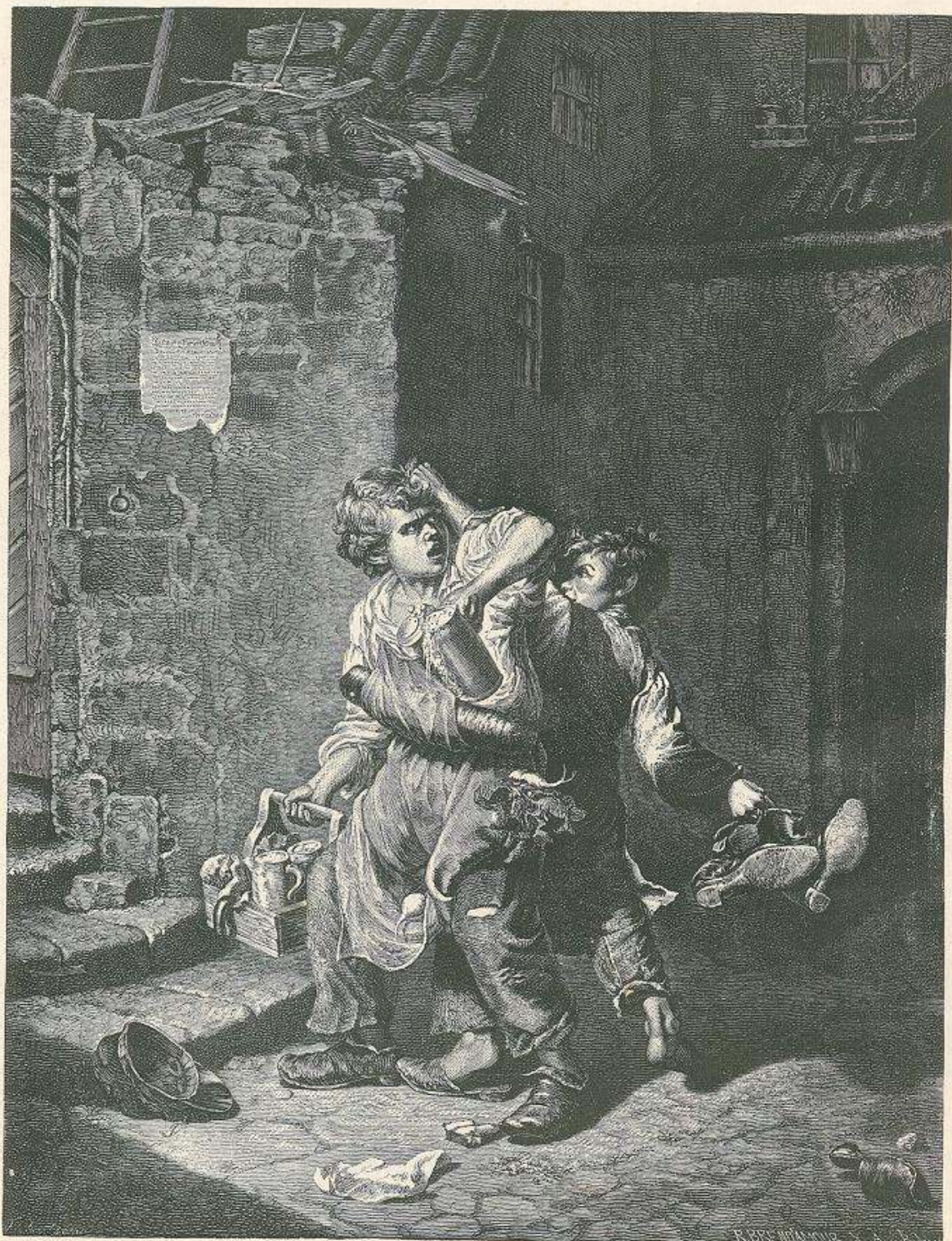
tinuava a contrahir-se, a pressão do nucleo fluido rompia-a de novo, e um outro derramamento de nucleo fluido tinha lugar, seguido d'outro intervallo do repouso, e assim successivamente.

A cada uma d'estas series de phenomenos correspondia como bem se comprehende uma mudança rapi-

formada: d'um nucleo fluido; e uma crusta em parte solida—os continentes; em parte liquida—os mares, os lagos e os rios; e uma atmosphera gazoza. A parte solida compunha-se de rochas eruptivas, sedimentares, ou metamorphicas.

Os phenomenos descriptos devem ter-se continuado

somma das quantidades do calor recebidos do sol e do nucleo fluido. N'essas circumstancias a contracção da crusta deixou de se manifestar; e por isso os phenomenos eruptivos deixaram de ter lugar taes como nós os descrevemos, e foram substituidos por outros, tambem periodicos, cujas causas verosimeis vamos explicar.



OCCASIÃO OPPORTUNA

da no nivel relativo dos differentes pontos da superficie da terra.

As montanhas passavam a ser os leitos dos lagos e dos mares; ao passo que os pontos mais fundos se elevavam, e podiam ficar completamente a secco.

Os phenomenos de sedimentação nunca cessavam; apenas se deslocavam por assim dizer.

Assim na 3.ª phase da sua existencia temos a terra

enquanto a crusta solida se arrefecia pela irradiação, no espaço, mais rapidamente do que o nucleo fluido pela sua conductibilidade.

A massa ignea central continuou a fender periodicamente o seu envolvero solido. Chegou, porem, um momento, em que se estabeleceu no envolvero um verdadeiro equilibrio de temperatura; em que a quantidade do calor perdido pela irradiação se tornou igual á

Em quanto que o envolvero solido do nosso planeta se achava em equilibrio mollecular, quero dizer, nem se contrahia nem se dilatava, o nucleo fluido continuava pelo contrario, a contrahir-se, em consequencia do arrefecimento.

Viria pois a estabelecer-se entre elle e o envolvero um espaço, occupado pelos gazes devidos á volatilição de algumas das substancias do nucleo igneo.

Ora como as pressões exteriores eram muito mais energicas do que as devidas a esses gases, a crusta tendia a applicar-se contra o nucleo em virtude da differença de pressões; e para effectivamente se applicar ou formaria pregos, por isso que ainda tinha uma certa plasticidade, ou se quebrava segundo linhas mais ou

sedimentares ou metamorphicas.

Estes phenomenos tambem foram como se disse periodicos.

Effectivamente formada uma primeira serie de pregas e de fendas, houve um intervallo de repouso, em que a crusta da terra foi augmentando de espessura

A medida que a crusta da terra augmenta de espessura: a sua resistencia, á ruptura augmenta tambem. Por isso os intervallos de repouso devem ser de mais em mais longos.

Ora se attendermos a que os phenomenos que limitam cada um d'elles produzem deslocacões tão consideraveis



A MÃE ADOPTIVA

menos nitidas, por forma que uma das partes se applicava sob a massa central, e a outra sobre a primeira.

Estas pregas e estas fendas formaram o segundo grupo de montanhas bem distinctas do 1.º, não só pelo mechanismo da sua formação, mas pelos seus principaes caracteres. Apresentam-se alinhadas em grandes extensões: ao passo que as eruptivas são triberculiformes, e são formadas quasi exclusivamente de rochas

pela solidificação do nucleo igneo.

A esse intervallo de repouso, succedeu uma nova ruptura de equilibrio: a formação d'uma nova serie de montanhas.

É claro que a cada uma d'estas series deve ter correspondido um desnivelamento importante na superficie da terra, d'onde terá resultado a deslocacão dos mares, dos lagos, dos rios.

nos mares e que a appareição de homem sobre a terra é relativamente recente, não podemos ser levados a perguntar se a historia da humanidade não deve justamente estar comprehendida entre dois outros cataclysmos diluviales que é natural que se repitam nos tempos futuros?

(Continua.)

ROSICLER

O CORVO E A RAPOSA

Um corvo empoleirado em faia annosa,
Tinha no bico um queijo, dos pequenos;
Attrahida p'lo cheiro uma raposa
Assim lhe falla, pouco mais ou menos,
— Bom dia, senhor corvo: muito á serio;
Se tens voz como pennas tens bonitas
E's a phenix dos bosques em que habitas.
Não cabe em si o corvo ouvindo a leria,
E, p'ra mostrar da voz toda a belleza,
Do bico que abre cair deixa a presa.
Deita-lhe a unha lépida a raposa,
E diz — decóra esta sentença sabia:
No mundo o lisongeiro vive e gosa
A' custa d'esso que lhe esenta a labia.

Vale a lição um queijo, hão de convir,
Não gostou nada o corvo do brinquedo,
Jurou de n'outra igual jámais cair...
E pena foi o não jurar mais cedo.

J. I. A.

O NINHO

E' de musgos macios fabricado
com estofos subtile de fofas pennas.
Tem o mimo das roseas açucenas
quando um raio de luz as tem dourado.

Entre as folhagens verdes e serenas
lá se divisa o ninho perfumado,
a mãe occulta-o com feroz cuidado
por sob as suas azas tão pequenas.

Piam de quando em quando os pequenitos
e a mãe assustada, a esses gritos
responde com um affago, uma afeição;

E eu fico pensando vagamente
ao ver essa afeição tão pura e ardente:
se isto será instinto ou se é razão.

A CEIFEIRA

E' loura como o louro dos trigueiros,
que tranquillamente vae ceifando;
é mimosa como um alegre bando
D'aves que entoam hymnos festivos.

Tem no olhar azul madrigaes
serenos, perfumados; e então, quando
solta a sua formosa voz cantando,
parece uma visão de bons ideaes.

Quando se curva assim graciosamente
tendo no fino labio inconsciente
uma promessa vaga, tentadora,

parece... nem eu sei meu Deus... parece
que esse todo gentil que me enlouquece
é a ressuscitada e rosea Flora.

SEMPRE

Eu tenho conhecido, ó Eleonora
que é meu destino amar-te;
e tua imagem suave como a aurora
seguir p'ra toda parte.

E até mesmo na campa: além da morte
eu quero igual á tua a minha sorte:
eu quero unidos n'um só triste abrigo
o meu e o teu jazigo

VICTOR NARCEU.

ANTIGUALHAS

A empresa do theatro do Salitre, em 1804.
Uma escriptura de actor

Os actores e actrizes do Salitre em 1804 estavam em rebellião declarada contra o empresario, que dirigia o theatro, desde a quaresma de 1803 até o entruído do anno seguinte.

Vejamos os motivos allegados pelo empresario Francisco José de Faria e pelos comicos rebeldes, a bem da sua causa, em successivos e longos requerimentos dirigidos ao principe regente depois D. João VI.

Faria queixa-se de que tivera na sua ultima gerencia grandes prejuizos, por se haver entregue sinceramente á direcção de pessoas pouco zelosas ou menos intelligentes. Conhecendo a probidade, honra e perspicacia de Manuel Baptista de Paula, empresario do theatro da Rua dos Condes, associou-se com elle. Quando porém os dois pretenderam escripturar «actores de ambos os sexos que tivessem, assim perfeita sciencia da arte scenica, como probidade e morigeração» os artistas não quizeram contratar-se em condições rasoaveis, e pelo contrario exigiram ordenados extraordinarios, conhecendo a necessidade que havia d'elles e «obedecendo unicamente á ambição e ao orgulho». Como não conseguissem nada por este systema, os artistas associaram-se com outros individuos, e quizeram privar Faria do arrendamento do theatro.

O empresario do Salitre de combinação com Manuel de Paula requer ao principe que se cumpra o disposto no alvará d'el-rei D. José, de 19 de julho de 1771, que confirma os estatutos dos theatros, acerca de não ser permitido a qualquer actor que deixe um theatro, por lhe não darem o ordenado que exigir, o escripturar-se n'outro por ordenado igual ou inferior áquelle que vencia no theatro de que saiu.

Vejamos agora as allegações dos artistas do Salitre. Antes porém copiarei os nomes dos que assignam um requerimento datado de 11 de fevereiro de 1804, em que se trata d'este assumpto.

Os nomes são: Florinda Benevenuto de Toledo, Filipe Manuel, Theotonio dos Santos Rodrigues, Bernardino Antonio, Antonio Joaquim, que assigna tambem por sua mulher Gertrudes Maria, José Xavier da Silva Ultra, Sebastião José Ambrosini, Francisco Xavier da Costa, João Joaquim Evangelista Vianna e Candido Evangelista da Costa.

Allegam estes requerentes não poderem supportar o *portamento* mau e provocante do empresario Francisco José de Faria, nem a demora com que costuma fazer os pagamentos, e ainda menos a *calumnia* com que passou ao theatro dos supplicantes a empresario da Rua dos Condes, que busca de todas as maneiras fechar o theatro do Salitre, para lucrar com o monopolio. Os artistas pedem ao principe regente que lhes seja approvada uma sociedade por elles formada, para beneficiarem com ella o real hospital de S. José e os presos das cadeias publicas, aos quaes promettam quatro beneficios todos os mezes, livres de despezas, pedindo apenas ao principe licença para fazerem duas casas de sortes e loteria ou rifa, em attenção ao fim pio a que se propõem.

Em outro requerimento queixam-se de que Faria pretende sugeital-os a um empresario que elles não elegeram, quando por *systema das leis são os vasallos isentos de servirem a outro seu igual contra sua vontade*. Promettam os beneficios já mencionados, e mais dois mil cruzados, pagos mensalmente, para os dois estabelecimentos de caridade.

Obrigam-se a nomear fiadores idoneos, e um pe-rigo que gose as funções de empresario, sem que nenhum dos artistas associados, por si ou junto com outros, possa contrariar as suas disposições e ajustes, pois cedem essa regalia aos seus fiadores.

Os socios depois de feito o custeamento da empresa tirariam os seus ordenados e beneficios, e combinariam depois sobre a forma de quinhão os lucros, que *Deus fosse servido conceder-lhes*.

O empresario da Rua dos Condes em 26 de março pede que lhe seja permittido desistir da sociedade com Faria, desgostoso com as *calumnias dos intrigantes*, mas requer que, para o fazer, seja ordenado que nenhum empresario possa induzir actores de certos theatros a assignarem escriptura, e que logo no principio da quaresma de cada anno, os actores e actrizes declarem se querem ou não ficar no theatro em que representaram, e que no caso de o não quererem, não possam escripturar-se em outra casa de espectaculos; e finalmente que cessem todas as obrigações contrahidas em virtude da sociedade que fize-ra.

Os actores, depois d'isto, pediram que no plano da sociedade por elles apresentado se consigne: que não admittam nenhum actor da Rua dos Condes, a não ser algum que o empresario d'este theatro não quizer escripturar, e que consinta em contratar-se no Salitre, por metade do ordenado actual, *porque a tenção dos supplicantes é somente ganharem pão, fazer bem aos desamparados e remover o damno que o empresario da Rua dos Condes lhes pretende fazer, por meios indirectos, e não prejudicial-o, ainda que elle por muitas vezes tem querido reduzir os supplicantes e todas as familias do Theatro ao estado de mendigarem*.

O corregedor do crime do bairro d'Alfama, informando este ultimo requerimento, acha extemporanea a pretensão, por ser imaginaria a sociedade artistica.

Diga-se, em verdade, que o receio dos actores tinha fundamento, porquanto o systema do monopolio era muito seguido pelos empresarios dos theatros de Lisboa n'aquella época. Em 1802 o empresario de S. Carlos, Todt, arrendou o theatro do Salitre para o ter fechado. Francisco José de Faria queixou-se ao governo, allegando a miseria que resultaria de tal facto, para as familias que viviam das recitas do Salitre, e pretendeu o theatro em condições que Todt não quiz acceitar para si, quando o governo lh'as propoz, e por isso Faria passou a ser o empresario, e prestou a Varella, proprietario do edificio, fiança idonea.

Voltemos porém á pretensão dos actores, para vêr qual a solução que lhe deu o intendente geral da policia da corte e reino, Diogo Ignacio de Pina Manique, encarregado pelo principe regente de decidir o negocio.

(Continua).

MAXIMILIANO D'AZEVEDO.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 176)

No dia seguinte Desherbiers e Mangonneau fallaram ao visconde no incidente do theatro, e o visconde disse-lhes que não fizessem caso de um insulto partindo de tão baixo. E sendo-lhe objectado por Mangonneau que a melhor solução era um duello,

attenta a hierarchia militar do aggressor, Donaciano accitou o alvitre em que descobriu uma saída ás suas difficuldades.

—Vou interceder em favor do culpado, exclamou elle, e conto fazer alguma coisa.

Foi immediatamente consultar o italiano, que abundou nas mesmas ideias.

—Mas, accrescentou este, se a aggressão foi uma cilada dos nossos inimigos?

—Veremos; entretanto quero desistir de ser parte contra o accusado.

Quando chegou ao tribunal já o procurador do rei estava com Barthenay e Morlant. Finalmente foi recebido pelo magistrado, que se mostrou frio e severo. Expoz o objecto do seu pedido, e obteve em resposta as seguintes palavras:

—Estou agora muito atarefado... Amanhã é domingo, venha cá na segunda feira ás onze horas.

O procurador levantou-se; era uma fôrma de despedido o visconde, que profundamente consternado, imaginou logo que os seus inimigos tinham-n'o comprometido. E decidiu sahir de Bruxellas, e vingarse mais tarde.

Mas que pretexto inventaria para justificar a sua partida aos olhos de Paulina e do velho Desherbiers?

O italiano aconselhava-o a que partisse no dia immediato. E, como Donaciano lhe objectasse que era necessario attender ao futuro, San Marco respondeu-lhe no seu tom familiar de zombaria:

—Visto não poderes conservar-te dentro d'essa pelle, veste pelle nova. Tua mulher conspira contra ti; portanto a lua de mel é hoje lua de fel; não tens que lhe dar satisfações.

—Pois sim; mas a fortuna do velhote?

—Isso lá é verdade... Tenho uma ideia... Gibraltar... Se nós lhe apanhassemos o segredo! Oh! que mina! Já me dissesstes que lhe davas até trezentos francos. Passa para cá o dinheiro, e o typo ha de fallar.

E não se enganou. Mediante uns magros duzentos francos, e alguns copos de varias bebidas, San Marco obteve a desejada revelação.

—Pois o patife do velho tem um ar tão sereno, exclamou o italiano... Quanto á neta... é uma consequencia natural... O visconde hade sentir muito, com os diabos!

—Bem entendido, accrescentou Gibraltar, nem tu nem o teu amigo podem servir-se do que te contei. Se fizerem tamanha infamia, commigo se não de haver.

—Eu ca respondo por mim; se elle revelar o segredo isso é com vocês dois.

—Bem; avisa-o.

XVIII

San Marco foi immediatamente ao café encontrar-se com Donaciano, e disse-lhe:

—Meu amigo, prepara-te para ouvir uma historia horrorosa; saiamos d'aquí, porque temo o impeto da tua indignação.

Sahiram com effeito, e quando o italiano terminou a narração, o visconde desatou a rir.

—Para isto vinhas com ares tragicos! Que me importa que elle fosse... tudo isso? A neta é respeitavel, e eu não tenho que ver com esses negocios. Vou escrever a Paulina e ao avô, e pintando-me victima de um engano abominavel, aviso-os de que vou partir e espero que lamentarão a minha sorte... Mas para onde iremos nós?

—Eu fico em Bruxellas, respondeu o italiano em tom naturalissimo.

—E's um homem prodigioso, disse o visconde muito satisfeito; mas explica-me essa resolução espantosa.

—Não vejo a coisa tão feia, como tu. Se se occuparem de nós, não de imaginar que parti contigo; e quanto a transformação physica, d'amanhã em diante ninguem me reconhecerá! E tu para onde vaes? não te affastes muito.

—Para a casa da nossa velha hospedeira de Aix-la-Chapelle, a mãe Verden, que tem um fraco por mim.

—Bella ideia! corresponder-nos-hemos em seu nome, e em caso de necessidade irei ter contigo. Ainda nos havemos de ver antes de partires.

Desherbiers teve tanto desejo como Donaciano, de converter em dinheiro o dote de sua neta; e tendo conseguido fazel-o, é claro que o visconde não se preocupava com a questão de meios, porque dispunha de optima fortuna.

Determinando levar só os objectos indispensaveis, metteu-os n'uma mala e escreveu tres cartas, uma ao avô, outra á mulher, e outra ao agente da justiça. Depois saberemos o que n'ellas se continha. Basta por ora dizer que na de Paulina e na de Justino Desherbiers affirmava elle que *sabia tudo*! e elle explicava esse *tudo* em phrases cheias de indignação e desespero... Terminava declarando que, depois de tal descoberta, elle, o descendente de uma das mais antigas e mais nobres familias da Lorena, não podia viver mais em companhia dos que tão vilmente o haviam enganado! O que desejava era esquecer similhante união, e por isso ia partir. Ao agente da justiça allegava, como pretexto de não comparecer no dia aprezado, as cartas que escrevera á familia. Feito isto, exultou de contentamento pela sua habilitidade, contando com um novo futuro deante de si. E partiu.

E' facil calcular o que se passou em casa de Desherbiers. Paulina teve um ataque horrivel, que felizmente foi de pouca duração; mas a vida de Justino Desherbiers chegou a inspirar serios cuidados. Valeu-lhe n'aquelle momento cruel a presença do seu amigo Mangonneau.

A primeira ideia da viscondessa e da madrinha foi occultar tudo a René Morlant; mas em presença do advogado a infeliz senhora envergonhou-se e participou-lhe a fuga do marido.

René, que vinha do palacio da justiça, estava já informado, e disse-lhe:

—Minha senhora, não lhe revelo o que penso a este respeito. Abre-se um novo periodo, e conte agora mais com o auxilio divino do que com o meu. Vejo que está socegada; e por isso digo lhe que um digno magistrado, que tem de occupar-se d'esta questão, deseja ouvil-a particularmente. O desejo podia transformar-se em ordem. O meu conselho portanto é que annua. Eu a acompanho.

Uma hora depois achava-se Paulina, só, em presença do magistrado.

XVIX

Emquanto a viscondessa responde ás perguntas do agente da justiça, procuremos noticias do marido.

Antes de partir para Aix-la-Chapelle Donaciano converteu em notas de mil francos todo o dote da mulher. San Marco fez-lhe algumas observações a esse respeito; mas o fugitivo respondeu que *imprudencia* fora proceder de outra forma, que havia de centuplicar o seu peculio, e que tinha mil projectos... «Quaes são os teus?» perguntou ao italiano.

—Descança; eu sigo a inspiração de momento. Um conselho te dou: visto queres ir a Liège fallar com Abraham Belzig, não caias em confiar-lhe o dinheiro.

—Não; quero apenas que a tal ave de rapina me sirva de intermediario.

E os dois amigos ficaram a discutir e combinar diversos pontos, sobre tudo a maneira de se corresponderem, de se tornarem a ver, etc.

Donaciano entrou n'um dos primeiros comboios da estação do Norie, accendeu um optimo charuto, e com o seu espirito frivolo e cheio de confiança no futuro, começou a phantasiar um mundo de delicias...

Nem suspeitava sequer que no mesmo comboio tinham entrado dois homens por sua causa, um dos quaes nunca o perdera de vista desde que este sabio de casa dos Desherbiers.

Esses dois homens eram San Marco e Vital Malescot, disfarçados de modo, que ninguem seria capaz de os reconhecer.

Era meio dia quando o comboio chegou a Liège. Monville mandou a sua mala para a casa das bagagens, e foi almoçar ao hotel do Universo. Malescot e San Marco postaram-se n'uma casa defronte, onde também pediram almoço; mas collocaram-se de modo que não deixavam de ver o fugitivo.

—Parece-lhe, perguntou Malescot, que elle vá directamente á casa do judeu?

—Vae. E a casa é rodeada de sebes em que a gente se pode esconder perfeitamente.

—Bella coisa! O que era oiro sobre azul era se o judeu o detivesse lá até á noite.

—Não é provavel.

Entretanto o visconde encetava conversação no hotel com um rapaz de vinte e oito a trinta annos, elegantemente vestido, que almoçou perto d'elle. Era um estrangeiro, que habitava em Paris, e dentro em pouco estavam os dois na maior intimidade, depois de heberem duas gorrafas de Rheno, mas ainda não tinham fallado nos seus respectivos nomes e posições sociaes. O desconhecido apenas disse que ia para Bruxellas ás seis horas; mas que antes de partir desejava visitar alguns monumentos.

—Eu o acompanho disse Monville, tenho duas ou tres horas disponiveis.

San Marco pareceu contrariado vendo-o sahir do hotel em companhia do novo amigo.

—Anda, vae adeante, disse elle a Malescot; olho vivo e prudencia.

—A quem o recommenda! tornou o ex-forçado.

Os dois espiões tiveram um trabalho insano, porque Donaciano e o parisiense entraram em muitas egrejas, cafés, etc.

Chegou finalmente a occasião de se despedirem. Trocaram os seus bilhetes de visita, sendo o estrangeiro quem tomou a iniciativa.

—Justino Guiprot! exclamou involuntariamente o visconde.

—Donaciano de Monville! repetiu o outro.

—Diz isso n'um tom! accudio o marido de Paulina. Conhece-me por acaso?

—Não... não... mas queria fazer-lhe a mesma pergunta... Ficou surprehendido... E' verdade que o appellido Guiprot é demasiado plebeu... Sou democrata, e por isso não uso do meu outro nome que tem apparencia mais aristocratica... Desherbiers. Estes dois nomes não lhe trazem á memoria coisa alguma?

—Não.

—E' notavel... E o senhor é effectivamente Donaciano de Monville? E' um visconde authenticos?

— Senhor, interrompeu o interpellado, erguendo altivamente a cabeça, uma tal linguagem...

— Não se zangue... Quando eu chegar a Bruxellas, e fallar com meu avô e minha irmã, tudo se explicará! A's suas ordens, senhor visconde.

XX

Este incidente deixou o nosso heroe embaraçadíssimo. Que imprudencia dar o seu bilhete a um desconhecido na situação em que se achava! E depois... não havia que duvidar: aquelle era o irmão de Paulina, o repudiado, o maldito da familia por causa da profissão que abraçara, e que Gibraltar tinha revelado.

— Temol-o nas unhas; correu tudo ás mil maravilhas. Não ha risco... é um triumpho seguro. Decididamente a sorte é-lhe adversa... Ao menos resta-me essa consolação para a consciencia.

Passou-se meia hora. Os ultimos clarões do dia foram substituidos por uma noite funda. Ouviram-se duas vozes ao longe.

— O diabo é se o judeu se lembra de o vir acompanhar! murmurou San Marco. Mas não vem, não cae n'essa.

Com effeito, as vozes emmudeceram, e o ruido, de passos, que se distinguia denotava que era um só homem.

novo desgosto. Recebeu uma carta que vinha tornar ainda mais grave a sua posição e a do avô. A carta era do homem, que estivera com Donaciano em Liège—de seu irmão. Dava-lhe a noticia de que chegara a Bruxellas, e pediu-lhe que dispozesse o avô para recebê-lo.

Paulina expoz o caso a Mangonneau, que respondeu:

— Nada, não pôde vir cá; era o mesmo que matar seu avô. Diga-me onde elle mora que eu vou procurá-lo.

— O sr. Mangonneau não o conhece. Só eu posso fazer alguma coisa.

— Mas tão doente, tão abatida...



Mas Donaciano tinha pressa de fallar a Belzigs, não encontrava carruagem, e attendendo á posição da quinta do judeu, o melhor seria ir a pé.

E' inutil dizer que San Marco e Malescot ainda o não tinham perdido de vista.

Qual era o seu fim? Era o seguinte:

O italiano, tendo visto a carteira do amigo recheada de notas, lembrou-se de que estava pobre, tendo servido só para enriquecer o outro, e determinou apanhar-lhe aquella boa somma.

Para isso foi ter com o miseravel Malescot, fez-lhe propostas, e combinaram o meio de praticar o roubo quando o visconde fosse visitar Belzig.

O facinora acceitou contente a proposta, sem desconhecer as grandes difficuldades da empreza.

Quando Donaciano entrou na residencia do judeu, San Marco disse:

UM PASSADO TENEBROSO — O interrogatorio

XXI

A demorada conferencia de Paulina com o magistrado convenceu-a de que seu marido era, em realidade, Claudio Péchel, um temivel facinora cujos crimes deviam ser punidos de morte. E mais ficou sabendo que o negocio, tratado até então secretamente por Morlant, ia tomar novo aspecto por causa das provas apresentadas á justiça.

Estas communicacões tinham por fim obter de Paulina algumas informações que podiam ser uteis. A desgraçada senhora despediu-se do magistrado com o rubor nas faces e a morte no coração.

Tinha felizmente René Morlant e Valenson, com quem passou varias horas, depois da cruel entrevista.

No dia seguinte, de manhã, veio saltê-la um

— Não importa, sinto coragem para fallar com meu irmão. Peço-lhe que me acompanhe; elle está no hotel á espera da resposta.

(Continua).

EXPEDIENTE

Em consequencia da proxima partida para o Rio de Janeiro do proprietario d'este jornal, Augusto de Sampaio Garrido, toda a correspondencia até novo aviso deve ser dirigida a Affonso de Macedo, administrador do mesmo jornal.